



## DO ASSISTENCIALISMO AO CONTROLE: A POBREZA E O COTIDIANO DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DO RECIFE NO PERÍODO ESTADONOVISTA (1937-1945)

Midian Tavares Correia<sup>1</sup>

### Resumo

Erradicar o que simbolizava o velho, assim orientava o Estado Novo através de suas propagandas e de seus discursos, pois o progresso era a meta para a construção de uma nova sociedade. Dessa forma, os anos de 1937 a 1945, período Estadonovista, no qual o governo propagava investimentos em projetos populares de melhoria para os pobres, desde o trabalho até a moradia. Mas este projeto não atinge a todos, pois o pobre continuava sendo visto como caso de polícia. Na cidade do Recife a pobreza e a violência andavam juntas e se expandiam associadas ao contexto da época. O plano de remodelação da cidade mostrava o trabalho do interventor no intuito de retirar do cenário o que significava o arcaico e por isso estava longe do projeto de modernização almejado.

**Palavras-Chave:** Estado Novo, Pobreza, Violência, Vigilância.

### Summary

Eradicating that symbolized the old, and guided the state through its new advertisements and speeches, because the progress was the goal to build a new society. Thus, the years 1937 to 1945, during the New State, in which government investment in spreading popular improvement projects for the poor, from work to home. But this project does not reach everyone, because the poor continued to be seen as a police matter. In the city of Recife poverty and violence went together and associated with the expanded context of the time. The remodeling plan of the city showed the work of intervening in order to remove the scenario which meant the archaic and therefore was far from the desired upgrade project.

**Keywords:** New State, Poverty, Violence, Surveillance

## INTRODUÇÃO

Com a implantação do Estado Novo em Pernambuco Agamenon Magalhães assume a interventoria do Estado visando combater tudo que representasse o velho, pois o Estado Novo surgiria para resolver essas mudanças, mas o que se observa além dos planos de remodelação

---

1. Autora é a aluna de Graduação e iniciação científica do Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n Dois Irmãos-Recife PE- CEP 52171-900. E-mail cordel24@hotmail.com. Pesquisa financiada pela FACEPE/CNPq.

2. A pesquisa está sendo orientada pela professora Dr.<sup>a</sup> GISELDA BRITO SILVA Professora Adjunta do Curso de Licenciatura Plena em História e do Mestrado em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail gibrs@uol.com.br.

da cidade é o controle policial da violência entre os pobres da cidade do Recife, nos anos de 1937 a 1945. A vigilância e controle se faziam paralelamente ao discurso de inserção social do governo.

O período delimitado envolve as propostas de políticas sociais de ajuda aos pobres no governo de Getúlio Vargas, levando-o a ficar na memória social como “*Pai dos Pobres*”, pela sua ação em determinados campos, a exemplo da habitação. Contudo, tais políticas não atingiam a todos. A meta desse trabalho é mapear a relação entre a política social de inserção da população pobre nos projetos sociais e o controle policial destas comunidades, com base em denúncias de embriaguez, violência doméstica e outros problemas que levavam a comunidade pobre a ser mais objeto de controle policial do que social no Estado Novo de Getúlio Vargas.

Além disso, buscamos fazer uma reflexão sobre a existência ou não de práticas sociais por parte do Estado. Tendo em vista que uma boa parte da população recifense vivia em situação de desemprego e conseqüentemente de miserabilidade. Conforme, procuraremos mostrar em nossa pesquisa, a população pobre era vista mais como um problema e um empecilho aos projetos modernizadores do que objeto de práticas sociais de ajuste ao novo que se moldava na sociedade da época. Houve os casos de ajuste de moradia pelos projetos de habitação do governo, mas que não atendia a todos, também havia os projetos trabalhistas, mas, ainda um grande número de desempregados, que em decorrência de suas condições se envolviam nos casos de alcoolismo, violência doméstica e outros problemas que os levava a serem mais casos de polícia do que de políticas públicas de ajuda. Nossa pesquisa tem como meta justamente focar essa população que foi ficando à margem dos projetos sociais do Estado Novo, tornando-se muito mais objeto da ação policial e como tal legitimando a ação policial do regime no campo social.

## **1- O DESEMPREGO A VALORIZAÇÃO DO TRABALHO E A MODERNIZAÇÃO**

A cidade do Recife passará por diversas mudanças desde décadas anteriores há 1937, pois em meados de 1920 aspectos de modernização e desenvolvimento se faziam presentes através de um crescimento econômico produzido pelo seu comércio e pela sua indústria, entendendo modernização pelo aspecto que explica o sociólogo Ruben George Oliven “Trata-se por tanto, de uma peculiar teoria de desenvolvimento, ou seja, uma que enfatiza fatores

culturais e psicossociais como a fonte casual de mudanças sociais e econômicas. Ela encara história como uma sucessão de estágios pelos quais todas as sociedades podem, mais cedo ou mais tarde, passar e postula que atributos e fatores culturais são responsáveis pelos atrasos e avanços na posição das sociedades neste continuum.” (OLIVEN, 1980:32).

Mas todo esse progresso evidenciava a pobreza e a violência apresentadas principalmente pelas moradias de tipos populares e pela situação de desemprego e consequentemente de miserabilidade vivenciadas por diversos sujeitos que faziam parte desse contexto na cidade do Recife entre os anos de 1937 a 1945. Assim o crescimento desordenado dialogava diretamente com os problemas sociais existentes na cidade do Recife a embriagues, a mendicância e a prostituição comportavam-se nesse espaço, as ruas do Recife se configuravam não apenas como lugar do trabalho, mas também o espaço da exclusão social e da violência. Desse modo, a rua se apresenta como o lugar do medo das inconstâncias de um crime que poderá ser praticado a qualquer momento.

Para o historiador Jean Delumeau o medo do perigo é algo que já vem acompanhando a humanidade há um bom tempo, pois “[...] desconfia-se do homem “comum” cujas emoções são imprevisíveis e perigosas. A necessidade de segurança por tanto é fundamental; está na base das afetividade e da moral humanas. A insegurança é símbolo de morte, e a segurança símbolo da vida.” (DELUMEAU, 2009: 12-23). Desse modo, a pobreza e a violência ganhavam visibilidade na cidade do Recife, mas tinham que serem extirpadas, pois dificultava o processo de modernizador que a cidade pretendia, já que os planos do então Interventor do Estado de Pernambuco Agamenon Magalhães era o de trazer a disciplina e o progresso para a capital com novos costumes e novas formas de vivências para a população.

Assim Agamenon diante da comemoração do dia dos trabalhadores realizada na Praça da Faculdade de Direito do Recife informa que a classe trabalhadora estava com Estado Novo, e de acordo com os jornais locais como a Folha da manhã criada pelo próprio interventor o mesmo afirmava que seria com disciplina e trabalho que se fazia a ordem e isso pode ser percebido em um telegrama do interventor Agamenon Magalhães ao chefe da Nação o então presidente Getúlio Vargas:

[...]-Tenho satisfação de transmitir a v. excia as saudações e os entusiasmos classes trabalhadoras Pernambuco, que acabam de realizar deante altar ellegorico do Trabalho, na praça das Faculdade de Direito, concentração todos os sindicatos e famílias operarias, sob applausos imensa multidão. Após concentração todos os desfilaram empunhando bandeiras e legendas todas emoldarando retrato v. excia constituindo apoteose sem paralelo outras epocas, em que commemorações Dia trabalho decorriam sob apprhensões e rigorosas medidas policiaes. O desfile das famílias operarias



cantando o Hymno Nacional foi a nota de maior vibração patriótica. Esse facto traduz não confiança todas as classes no Estado Novo como resultados regimen autoridade e disciplina valores sociaes. Cordeaes saudações, AGAMEMNON MAGAMLHÃES, Interventor Federal. [...] <sup>2</sup>

Diante dessa situação a modernidade estava baseada em princípios de disciplina e correção dos sujeitos, o Interventor do Estado de Pernambuco implementou duas visões paralelas para sua política, ambas caracterizadas por um viés autoritário e pautadas por diretrizes que visavam a enquadrar em modelos tidos como modernos o comportamento dos sujeitos das camadas populares. De um lado, a política de saúde, higiene e assistência promovida por Agamenon Magalhães; de outro, uma campanha de perseguição aos sujeitos de “vida fácil” que viviam da prática da vadiagem, incluindo jogadores, mendigos e os alcoólatras da cidade do Recife pelas instituições policiais. Então todos que fugissem dos ideais reformistas de embelezamento da cidade sendo estes aspectos da modernidade, seriam perseguidos pelo novo Regime. E essas questões referentes ao processo de modernização e valorização do trabalho da disciplina faziam parte do imaginário do Brasil, pois o Rio de Janeiro então capital federal passava pelas mesmas transformações com a atuação de Victor Tavares de Moura que desempenhava ações de remodelamento da cidade como o interventor pernambucano, pois como afirma a socióloga Jacqueline de Cassia Pinheiro:

A República foi fundamentada, em sua primeira fase na qual o Brasil deveria se enquadrar na linha do progresso. Qualquer ação social sobre os indivíduos em termos de hierarquia e exclusão sob os interesses dos letrados era justificada pela adequação ao moderno. E, assim, o discurso republicano era formulado por muitos intelectuais, controlando o poder na tentativa de expansão dos ideias de progresso e civilidade, entendendo que nesse momento era compreendido como moderno era o ideal de unidade nacional <sup>3</sup>

Dessa forma, Assim como a primeira República as políticas do Estado Novo se voltaram para os ideias de progresso e civilidade produzidos principalmente pelo trabalho e a disciplina, pois com respeito e aclamação ao presidente Getúlio Vargas o mesmo conduziria as massas de trabalhadores ao bem estar social. Com isso, através de um caráter manipulador Vargas manteve relações entre os trabalhadores e o Estado e como afirma a estudiosa, “Tal projeto era considerado também um projeto de cidadania, pois todo cidadão é a quele que trabalha. E se trabalha, deve ser regido pelas leis do Estado. Logo havia um pacto entre Estado e trabalhadores que giravam em torno de benefícios de um

<sup>2</sup>. Disciplina e confiança no Estado Novo Um telegrama do interventor Agamemnon Magalhães ao chefe da Nação. **Folha da manhã** – Recife, 01 de maio de 1938.

<sup>4</sup>.LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro, **A pobreza como problema social: As ações de Victor Tavares de Moura e Agamenon Magalhães nas favelas do Rio de Janeiro e nos mocambos do Recife durante o Estado Novo.** Tese de Doutorado (Sociologia), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2006

lado, e obediência de outro. Deste modo, trabalho, benefícios, leis e obediência eram palavras de ordem deste período.” (LIMA, 2006: 71). Portanto as comemorações eram motivos de exaltação do presidente e essa articulação se fazia em todo país como padrões a serem seguidos por todos os estados como nos informa a mensagem enviada via rádio pelo Dr. Etelvino Lins, Secretario da Segurança pública enviou para o capitão Felinto Muller do Distrito Federal:

capitão felinto Muller-Rio. - deverão tomar parte amanhã nesta capital uma grande passeata em homenagem ao presidente Vargas e ao Estado Novo Brasileiro mais de vinte mil operarios, encerrando-se assim brilhantemente semana trabalhando orientada interventor Agamnon Magalhães. Semelhante facto constitue acontecimento presenciado nesses últimos anos Pernambuco onde data primeiro Maio sempre exigia maiores cuidados e ate promptidão polícia. A’ hora em que telegrapho illustre collega estão classes trabalhadoras affixando todos os pontos cidade vinte mil cartazes propaganda anti- comunista e outros tantos com photographia presidente Vargas contendo estes últimos seguinte legenda: “obediencia ao chefe. Com trabalho e disciplina estamos construindo Estado Novo”. Attenciosas saudações ETELVINO LINS.<sup>4</sup>

Assim, o trabalho era exaltado e se configurava como instrumento de ascensão para o determinado progresso informado pelo presidente, nessa situação os sujeitos que viviam no Recife nesse período se encontravam em situação de repressão, pois às camadas populares eram extremamente vigiadas e muitas vezes, tentavam fugir das esferas de ação e discurso do governo do Estado. Com isso, muitos eram os que tentavam driblar as ordens estabelecidas fugindo dos aparatos policia através de suas próprias estratégias, resistindo aos imperativos do Estado Novo.

## **2- ENTRE A LAMA, A POBREZA E OS MANGUES: UMA CIDADE AQUÁTICA NA MIRA DO INTERVENTOR**

O Recife a cidade construída basicamente por rios como Jiquiá, Tejipió, Beberibe e Capibaribe sendo o mais representativo o Rio Capibaribe tão lembrado nos poemas do então poeta João Cabral de Melo Neto onde afirma em um dos trechos do poema: O cão sem plumas que “Entre a paisagem (fluía) de homens plantados na lama; de casas de lama coaguladas na lama; paisagem de anfíbios de lama e lama.” Assim se formavam as habitações no Recife compostas principalmente em geral por sujeitos oriundos das camadas populares. Tendo em vista que, segundo a historiadora Zélia de Oliveira Gominho “Podia-se dizer que no Recife

---

<sup>5</sup>.“ Disciplina: Um telegramma do Secretario da Segurança ao Chefe de policia do Rio”, **Folha da manhã** – Recife, 03 de maio de 1938.

existiam apenas duas espécies de moradia: a dos ricos e dos miseráveis, até mesmo o pessoal remediado sentia dificuldades de adquirir uma casa, um problema que teria mais atenção a partir do Estado Novo mediante o financiamento Caixa Econômica Federal, através dos recursos das Caixas de Aposentadorias e Pensões, e das carteiras Imobiliárias dos Institutos Comerciais Servidores do Estado, Bancários, etc.), pelo menos para aqueles que estavam vinculados a essas instituições” (GOMINHO, 1998:30).

Nessa perspectiva, já se percebe o quanto era difícil conseguir uma moradia nos espaços da cidade do Recife, dessa forma muitos eram os sujeitos pobres que fazendo parte desses grupos sociais excluídos tornavam-se agentes organizadores de seu próprio espaço construindo suas próprias redes de sociabilidades. Assim, é na produção desses espaços em terrenos públicos ou privados na sua grande maioria composto por áreas íngremes e alagadiças que se formavam as habitações populares conhecidas como mocambos composta por materiais alternativos que iam se formando nos arredores das cidade. Verifica-se então, que esses eram os espaços que muitos moradores pobres se aglomeravam formando algumas comunidades em torno da cidade e as margens do Capibaribe. E isso pode ser observado através da afirmação de Josué de Castro sobre os principais bairros que se interligavam ao Capibaribe eram eles: “Afogados, Pina, Santo Amaro e Ilha do Leite”.<sup>5</sup> Dessa maneira, o autor nos revela que esses moradores viviam em contato direto com os mangues e as águas, já que O bairro do Recife era considerado, o mais antigo e movimentado, pois era caracterizado pelas atividades de seu porto por isso era neste solo que a cidade se assentava e tirava toda sua vida e fisionomia, pelos rios que o banhava. Assim se formavam o que a estudiosa Zélia Gominho configurou chamar a cidade dos mocambos:

Podemos, então, localizar Mucambópolis- palco de luta e resistência, esconderijo de desejos e frustrações, espaço produtor de múltiplas subjetividades- às margens dos rios Capibaribe, Tejipló, Jiquiá e Beberibe, nas ilhas formadas por esses rios (Ilhas: do Leite, Coelho, Joana Bezerra, do Retiro, do Maruim,...) e mais dos Rios Jordão e Pina, no Cabanga, à beira do encontro entre os rios e o mar, onde desaguava a gente que como o rio vinha se retirando, formando essa cidade [...].<sup>6</sup>

Dessa forma, iria se formando a cidade aquática compostas pela população de baixa renda que não conseguindo espaços adequados iam se estabelecendo em alguns locais da

<sup>5</sup>. CASTRO, Josué de, **Fome um tema proibido**: Os últimos escritos de Josué de Castro/ Josué de Castro: organização de Anna Maria de Castro. - 3. ed.- Recife: Instituto de Planejamento de Pernambuco: Companhia Editora de Pernambuco, 1996. p. 24.

<sup>7</sup>. GOMINHO, Zélia, de Oliveira. **Veneza Americana X Mucambópolis**: o Estado Novo na cidade do Recife (Décadas de 30 e 40), Jaboatão dos Guararapes-PE: Ed. do Autor, 2007. p.35.



cidade. Assim, é possível perceber a relação entre a proliferação dos mocambos e as distorções socioeconômicas que se expandiam cada vez mais ao lado da formação do processo citadino, esse é o Recife estadonovista que por um lado, abrigava o moderno estruturado nas construções luxuosas com suas promessas de um futuro próspero, por outro, desprezava as habitações dos mocambeiros que resistiam, mesmo com suas condições de penúria onde viviam como habitantes dos espaços dos alagados. Antônio Paulo Resende historiador local, ao analisar a formação do Recife através da urbanização nessa época descreve o contraste existente no período afirmando:

No início dos anos 30, o descompasso entre o sonho e a realidade dividia a paisagem recifense. A cidade crescia, mas não tinha estrutura para acolher devidamente seus habitantes. Nas áreas ribeirinhas surgiam os chamados mocambos, a cidade anfíbia, onde moravam os cidadãos feitos de carne de caranguejo [...] Essa realidade contrastava com o Recife dos sonhos, do mais bem equipado porto do país, da indústria em crescimento, dos cafés e restaurantes, dos teatros e cinemas luxuosos, das grandes mansões, de lugares aprazíveis como o bairro do Derby ou praia de Boa Viagem.<sup>7</sup>

A urbanização que encantava muitos de seus moradores na tentativa da busca pelo novo, trazia com si distorções socioeconômicas, pois do outro lado da modernidade e das políticas de inclusão social, a cidade apresentava um visível crescimento da pobreza e do subemprego, ao mesmo tempo em que surgiam os discursos de urbanização, de crescimento social e econômico. Nesse sentido, é visível que neste período podemos perceber o lugar dos pobres na formação do Recife coisa que segundo Gilberto Freyre ressaltava não seria algo atual, já que a diferença entre as moradias das populações paupérrimas e abastadas já eram reflexo de acontecimentos mais antigos, ficando o pobre com os lugares mais desprezíveis os alagados onde se formavam os casebres de palha.

De um lado, era nesses espaços que viviam esses personagens que despertam para o trabalho seja ele formal ou informal seria a luta pela sobrevivência como afirmou o estudioso Josué de Castro “São as fábricas chamando agente para o trabalho, acordando o pessoal de Afogados, de Santo Amaro da Ilha do Leite. E os mocambos que ainda dormem, despertam com esses apitos, uns mais ríspidos e violentos, outros mais distantes mais roceiros. Pelas grêtas das portas, pelas frestas dos telhados dos casebres começam a escapar fumaça. Abrem-se depois as portas e aparecem na rua os seus moradores com as caras cansadas e mau dormidas. Os homens apressados com o almôço numa latinha debaixo do braço, as mulheres mais lentas com umas caras mais satisfeitas, arregaçando as saias, procurando lugares mais enxutos, pulando com cuidado as poças de lama com horror das água fria. Ameninada solta

<sup>7</sup>. REZENDE, Antônio Paulo 1952, **O Recife**: história de uma cidade/ Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002. p. 103.



também vai caindo no mundo. Os menores nus. Os maiozinhos com qualquer trapo cobrindo o sexo, todos se atolando na lama com gosto, sem cerimônia, com quem está em seus cômodos. Com o corpo descoberto indiferentes ao frio e aos mosquitos que zumbem por entre as folhas gôrdas dos mangues.” (CASTRO, 232:233).

Do outro lado da mucambópolis, as populações conviviam com a camuflada prática de disputas entre seguimentos diferentes da sociedade pela apropriação do espaço urbano, além disso, é sabido que a expansão urbana ocorria seguindo os eixos europeus para levar adiante como fora dito anteriormente o processo civilizatório, porque entrelaçado ao desenvolvimento citadino havia a preocupação em transformar o comportamento da população deste ambiente em vias de modernização. E nesse caso a pobreza e a moradia desses sujeitos conseqüentemente se transformariam no principal alvo da modernidade, e deveria o mais rápido possível ser retirada, pois o discurso médico importado da Europa fazia-se presente como informa novamente Antônio Paulo “[...] A reorganização dos serviços de higiene e saúde publicas ganhou uma dinâmica importante, pois mexia com o cotidiano e os costumes da cidade.”<sup>8</sup> E isso pode ser reforçado através de informações que circulavam nos periódicos da mesma década conforme enunciado:

[...] Não e possível que o Recife continue a ser a cidade por excellencia da peste branca quando a muito deixamos de ser a cidade da varíola, a cidade da peste, a cidade da dysenteria. As medidas da hygiene e de saúde publica riscaram essas doenças do nosso obituário. Porque não fazem o mesmo com a tuberculose, que continua a fazer por anno milhares de óbitos? [...] Acaso essa sangria permanente no nosso organismo social não affect profundamente as nossas condições econômicas? Sem falar nos meios profhylacticos conhecidos e noutros órgãos de defesa, nunca será entretanto demasiado de atacarmos no Recife dois grandes problemas intimamente ligados a tuberculose: alimentar e da habitação.<sup>9</sup>

O discurso da imprensa acerca das transformações que a cidade deveria sofrer fazia uma associação entre: a pobreza os mocambos e as doenças, pois é importante lembrar que em tal período Agamenon Magalhães tinha como um de seus lemas que direcionava o seu ideário político o de transformar o Recife em uma grande cidade. A modernidade era expressa para a elite recifense nessa época através de formas de um cotidiano que tinha como referencia a cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, para o político Agamenon Magalhães: “destruir o velho e construir o novo transformava-se em prioridade do governo pernambucano que, endossando o ideário político sustentado pelo Regime estadonovista, viu nas construções populares uma forma de colocar em prática o que, até então, era apenas projeto social. Essas habitações dos mocambos na cidade seria um problema social, por isso para o interventor só

<sup>8</sup>. Idem. p. 95.

<sup>9</sup>. **Jornal do Comercio**. Recife, 22 de setembro de 1937

destruindo a tradição e buscando criar o novo, o moderno, o progresso, sob o artifício do embelezamento. O conjunto dessas construções dentro de uma visão de uma estética fascista deveria representar no futuro um eloqüente discurso político do estado novo [...]”<sup>10</sup>.

Tudo aquilo que representava os mocambos dentre eles os que se formavam nos centros da cidade e as margens dos Capibaribe seriam identificado como atraso, imundície e sujeira. Ainda nesse contexto, a modernidade e o progresso fundiram-se num único ideal tendo a cidade como o espelho do sucesso, dessa forma é sabido que Agamenon Magalhães veio assumir a interventoria do estado de Pernambuco prometendo, logo em seu discurso de posse, trazer a “emoção do Estado Novo” e como salienta a estudiosa Maria das Graças:

[...] o interventor formulou um plano de remodelação da cidade, segundo o qual a miséria – em todas as suas nuances – deveria ser extirpada, porque por ela se expressava o retrato da feiúra do Recife. A proposta de modernização concentrava-se na idéia de sanear, higienizar e embelezar a cidade. [...] entre outras idéias do projeto, estavam a de varrer da cidade os becos e os sobrados antigos do centro, criando novas ruas e avenidas [...]”<sup>11</sup>.

Com isso, é interessante levar em consideração que para a sociedade da época pensar o desenvolvimento da cidade do Recife em tal período através do moderno era a meta, pois em minutos, à vontade e a ânsia pelo novo acirrava uma competição entre os indivíduos pela utilização do espaço que os rodeavam, logo, percebesse que analisar a construção do cotidiano além da esfera do econômico é de suma importância, já que o lugar na modernidade nem sempre é aquilo que ele realmente se constitui. O lugar é moldado de acordo com a racionalidade e a experiência humana, porque a territorialização desses espaços são inventados através das práticas culturais.

Assim, aos poucos o interventor iria se desfazendo da Mucambópolis da cidade construída por anônimos através do crescimento desordenado entre a lama e a pobreza e como bem retrata o estudioso Daniel Bezerra o processo de desapropriação não se fazia pacificamente, tendo em vista a violência com que era tratados os mocambeiros “È uma luta para obter um teto que começa com capim ou palha de coqueiro e piso de terra batida da lama do próprio Mangue. Essas sociedades, na sua vida carregam um mundo de sofrimentos. Despejos noturnos à base de violência, perseguições policiais, incompreensões de autoridades, prisões de membros e diretores, demolições de mocambos, indenizações mesquinhas sobre

<sup>10</sup>. ALMEIDA, Maria das Graças Andrade. *Folha Da Manhã*: o discurso da imprensa na construção da modernidade. p.11 revista do arquivo público, dezembro de 1996.

<sup>11</sup>. ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo: Humanitas, 2001. p 125-130.



pressões e, até por incrível que pareça fechamentos de salas de aula primária, instaladas em mocambos e mantidas por mocambeiros.” (BEZERRA, 1965: 42).

### **3- OS APARATOS POLÍCIAS: A TENTATIVA DE CONTROLE DA VIOLÊNCIA E A VIGILÂNCIA DOS SUJEITOS**

A modernização vivia em contraste com o crescimento da pobreza enfrentada por diversos sujeitos moradores dos casebres feitos de palha e outros materiais alternativos, esses pobres à margem da sociedade e da urbanização do Recife, se transformavam em sujeitos representantes do perigo já que as ruas passavam a representar o perigo, e como bem afirmou a historiadora Sandra Jatahy Pesavento “Na rua se expressava a irreverência de atitudes e sociabilidades que eram estranhas e condenadas pelas famílias burguesas. Ou seja, as ruas se revelava como um espaço de ameaças, as quais era preciso controlar.” (PESAVENTO, 1998:114). Dessa maneira, para a sociedade da época o perigo abrigava os caminhos há espera de uma nova vítima dessa forma, evidencia-se no Recife a continuidade das práticas repressivas estatais sobre as camadas populares que sendo pessoas que não se enquadravam no projeto do interventor foram constantemente perseguidos.

Com isso, os sujeitos que muitas vezes não tinham um trabalho formal eram vistos como vadios, malandros, haja vista que o trabalho era muito valorizado na política varguista, pois como afirmou o sociólogo Ruben George “É justamente como rejeição do trabalho e como estratégia de sobrevivência que a malandragem precisa ser compreendida. Neste sentido, cabe lembrar o quanto o trabalho manual no Brasil tem sido historicamente considerado uma atividade não dignificadora, algo reservado somente para os escravos. Mas, para a política estadonovista o trabalho estava diretamente ligado com a moral do sujeito através de um sistema de significações predominante na política do interventor, por essa razão muitos eram os que pegos no ato do jogo ou da jogatina longe do trabalho eram reprimidos pelos aparatos policiais:

Hontem os investigadores Jayme e Jose Gomes, deram um cerco à barraca de propriedade de Jose Alexandre, sita Avenida Norte em Santo Amaro, onde os viciados se entregavam ao jogo de azar, contrariando as ordens proibidas da policia, sendo presos em flagrantes os individuos Jose Francisco da Rocha, Jose da Silva, Jose de oliveira Netto, Severino de Oliveira Netto e Estácio de Souza e Silva. Servia de vigia para dar signal aos



jogadores da aproximação da polícia, uma filha do dono da barraca. Que tocando no interruptor, apagava a Luz, que era o sinal convencionado. Desta vez a mocinha distrahiuse de sua tarefa o que deu lugar a polícia pegasse todos de surpresa. Foram apprehendidos baralhos, dados e 19\$800, sendo os jogadores presos e conduzidos á presença do commissario Luiz otarquez.<sup>12</sup>

Era assim que as formas de agir vão sendo limitadas pelo controle, já que os comportamentos tidos como não convencionais foram sendo reprimidos pelo Estado Novo. Ao lado do controle das formas de agir ligadas ao jogo estava a repressão aos mendigos, as prostitutas e os ébrios todos esses ameaçadores que viviam na contramão da ordem. Ligada questão da repressão estava a perseguição aos atos de violência praticado por muitos, violência esta que não necessariamente está interligada com a pobreza, pois como a firma o estudioso Helio Bicudo “Não se pode afirmar que a pobreza condiciona a criminalidade. O pauperismo marginaliza e marginalidade pode criar delinquentes. Mas isso não significa que a delinqüência seja fenômeno exclusivo das classes em que a pobreza se manifesta com um padrão genérico.” (BICUDO 1994: 13). Assim, não se deve levar em consideração a afirmativa de pobreza e marginalidade como algo diretamente ligado, mas que muitas vezes esses segmentos populares eram vistos como responsáveis pela propagação de diversos distúrbios sociais que representavam imagem de criminalidade e marginalidade.

E por essa razão o policiamento do cotidiano era feito em situações de casos que representavam a perturbação da ordem pública, ou quando era preciso fazer alguma diligência causada por acontecimentos que muitas vezes levavam a prisão dos sujeitos que por ventura desrespeitavam a ordem estabelecida. Mas é importante ressaltar que por trás dos inúmeros desatinos, praticados por esses sujeitos, se escondiam na maioria das vezes uma realidade de desclassificação e embriagues. Dessa forma muitos eram os sujeitos pegos cometendo delitos na cidade e sendo duramente perseguidos e noticiados nos principais periódicos da cidade:

Pela madrugada de hontem, chegou as carreiras ao commissariado de Afogados o William, proprietario so sitio Escobar. Ali situado dizendo que acabava de ser assaltado por dois indivíduos e so escapara as sanha dos ladrões deviso a sua agilidade. Na ocasião chegavam a ronda os investigadores de nr. 50 e 196, que [...] logo se encaminharam para o local indicado [...] os agentes foram apo seus encontros que e aproximando-se identificaram um deles que era o ladrão conhecido pela alcunha de preto. esses malandros ao reconhecerem os policiais deitaram-se a correr em direção ao rio, onde caíram e protegidos pela escuridão se evadiram, enquanto os meliantes fugiam dispararam duas vezes uma arma de fogo.<sup>13</sup>

<sup>12</sup>. “Jogadores presos em Santo Amaro”, **Folha da Manhã** 01/Maio de 1938.

<sup>13</sup>. “O proprietário do “Escobar” foi assaltado, a identificação do ladrão “preto” que fugiu a nado.” **Diario de Pernambuco**. Quarta 07 de julho de 1937.



Assim, iria se configurando nos espaços da cidade a pobreza e a violência através de um controle policial formal ou informal empreendido sobre a violência e a pobreza urbana da cidade do Recife entre os anos 1937 e 1945.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das investidas estatais o controle social iria se configurando mostrando sobre as formas de comportamento sócio-cultural, que não se encontravam inseridas nas redes de sociabilidades urbanas ditas modernas. Através dessa análise se percebe que tal projeto de idealização mexia com as mentalidades da sociedade recifense, principalmente através do contexto europeu civilizatório embutido no discursos de modernização importado da Europa para o Brasil.

Por isso, as considerações a serem feitas dessa análise estão ligadas às confrontações entre a prática discursiva da polícia em relação ao sujeito pobre desse período a meta desse trabalho se concentra no homem, a pobreza e a violência. Assim se percebe que do outro lado da modernidade e das políticas de inclusão social, a cidade apresentava um visível crescimento da ação policial nas comunidades pobres, que apresentavam uma grande expansão da pobreza e do subemprego, ao mesmo tempo em que surgiam discursos de urbanização, de crescimento social e econômico.

A visibilidade da pobreza e da violência do Recife se expandia no cotidiano da cidade dai serem feitas na época uma relação entre a população pobre e os casos de desordem, violência, criminalidade e vadiagem. Com isso, se pode perceber como algumas atitudes do Estado Novo foram direcionadas para conter a violência e a “vadiagem”, bem como a preocupação com o espaço geográfico e simbólico, fora do âmbito de um projeto social de inclusão para a população. Visto que as moradias populares se apresentavam como um problema social a serem combatidos durante a intervenção Estadonovista de Agamenon Magalhães, era mais um caso de polícia do que de assistencialismo.

#### REFERÊNCIAS

##### 1. Jornais

*JORNAL DO COMERCIO, 1937.* Local. FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco)



*DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, 1937. Local. FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco)  
*FOLHA DA MANHÃ*. 1938. Local: Arquivo Público Jordão Emerenciano. APEJE.

## 2. Revistas

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade. **Folha Da Manhã**: o discurso da imprensa na construção da modernidade. p.11. Revista do Arquivo Público, dezembro de 1996. Rev. Do APEJE Recife. V.42, n 46, p. 72. . Local: Arquivo Público Jordão Emerenciano. APEJE.

## Bibliografia

BICUDO, Hélio Pereira, 1922- **Violência: O Brasil cruel e sem maquiagem**/ Hélio Bicudo. - São Paulo: Moderna 1994.( Coleção polemica).

BEZERRA, Daniel. **Alagados, Mocambos e Mocambeiros**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1965.

CASTRO, Josué de **Fome um tema proibido**: Os últimos escritos de Josué de Castro/ Josue de Castro: organização de Anna Maria de Castro. - 3. ed.- Recife: Instituto de Planejamento de Pernambuco: Companhia Editora de Pernambuco, 1996. 326 p.

\_\_\_\_\_. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Brasiliense 1967.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 11ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

DELUMEAU, Jean, 1923, **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada/ São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Mucambos do Nordeste**: Algumas notas sobre o typo de casa Popular mais primitiva do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1937.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e Mocambos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOMINHO, Zélia, de Oliveira. **Veneza Americana X Mucambópolis**: o Estado Novo na cidade do Recife (Décadas de 30 e 40), Jaboatão dos Guararapes-PE: Ed. do Autor, 2007.

MORAIS, Edlene M. Nery. **Sossega leão: Os significados dos crimes de homicídio doloso na prática cotidiana da justiça** – Recife, PPGH/UFPE 1939-1949

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.



PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho-1880-1920**. Porto Alegre: Edufrgs, 1994.

REZENDE, Antonio Paulo, **O Recife: história de uma cidade**/Antonio Paulo Resende: organização Magdalena Almeida- Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

\_\_\_\_\_. **“(DES) encantos Modernos**. Recife: Fundarp, 1997.

SCHWARTZMAN, Simon. **Pobreza, exclusão social e modernidade**: uma introdução ao mundo contemporâneo. São Paulo: Augurium Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. **“As Causas da Pobreza**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

SOUZA, Maria Ângela A. et al, **O processo de formação de favelas de Casa Amarela**. Recife. MDU/UFPE. 1984.